

MARÉ VIVA

Director (interino): ANTONIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 97 — Preço 10\$00 — 20/5/78



Oito letras que já não poderemos esquecer. Oito letras, muita gente, muitos jovens, crianças, velhos (?) numa alegria colectiva da cultura, do Teatro, do Canto e da Música, do Cinema, do Livro.

Em 1979 já não seremos só (?) estes, seremos muitos mais. Nascentemo-nos!

O JORNAL DA FESTA

Este é um «Maré Viva» especial, o jornal da festa da Nascente. Parte dele foi feito mesmo no decorrer da tarde de hoje, neste salão que de repente acordou aos nossos olhos vestido com as cores da alegria.

Um jornal feito por nós todos, activistas, sócios, assinantes, pelo visitante anónimo que aqui veio hoje e deixou um pouco da sua vontade de comunicar e participar.

Não simplesmente um jornal que sai depois de uma semana de trabalho, mas aquele que começou a ser feito há dois anos e que hoje, se acabou, porque a Nascente o quis.

O que pensa da Festa?

— Que é que eu hei-de dizer? Para falar desta tarde teria que contar da emoção que senti ao entrar aqui e ver todo este movimento, esta gente que aqui se juntou. Isto faz-me recordar o tempo em que apenas podíamos sonhar como seria bom se pudéssemos juntar as pessoas e pô-las a fazer coisas. Ora é isso que a Nascente está cada vez mais a conseguir, o que é uma alegria. Por isso também a minha crescente admiração para as pessoas que têm levado isto avante de uma maneira que eu, simples associado, acho importante: cativar o interesse das camadas mais novas e despertá-las para actividades em que se venham a formar como homens livres, o que faz da Nascente uma verdadeira escola.

— Acho que uma festa destas devia ser feita mensalmente, pelo menos para as crianças, que têm poucos locais onde passar os seus tempos livres, e que acabam por andar por aí como calha.

Embora sócio, não tenho muitos contactos com a Nascente, a não ser através do jornal, que me parece estar a fazer um bom trabalho. Já agora gostaria de ver esta tarde continuada de maneira que algumas crianças que andam aí vestidas e pintadas como actores tivessem a possibilidade de se dedicar ao teatro.

Acho isto engraçado, mas penso que se tivesse mais gente poderia estar mais animado. Só com amis gente é que isto anima.

Sou sócio, mas é a primeira vez que venho a uma iniciativa da Nascente. No fundo, o que mais me interessa é cá trazer os miúdos. De momento não sinto motivação para colaborar, mas à medida que os miúdos vão crescendo é que me vai interessando fazê-los contactar com esta malta.

Isto é interessante. É uma iniciativa porreira que além de comemorar uma data de particular relevo para a malta cooperativista, tem também especial significado no sentido cultural.

Aqui dentro, não acho que poderia haver mais nada. Sou sócio, mas para já não tenho tido participação activa porque tenho uma filha pequena, mas tenho ajudado quando posso.

QUERIA FAZER UMA QUADRA

Queria fazer uma quadra a rimar com «cooperativa» mas pr'a rima só lembrava o nome do «Maré Viva»!

E então o cineclube?
O coro? A fotografia?
O teatro e os fantoches?
E o «Centro da Livraria»?
E mais o centro de Estudos,
as contas e a secretaria?

Queria fazer uma quadra a rimar com a «Nascente» e só esta me ocorreu:

ORA VIVA TODA A GENTE!

(Do Maré-Viva de parede)

PARABÉNS NASCENTE

Dois anos de vida é no tempo um espaço muito breve para grandes realizações. Porém, a NASCENTE tem cumprido cabalmente a sua missão — não obstante certos obstáculos que se lhe têm deparado — levando por diante o seu semanário «Maré Viva», os cursos de ensino secundário, as sessões cinematográficas de seu Cine-Clube, o Grupo Coral e o Teatro Popular de Espinho, etc., etc. Em pouco tempo já é muito.

Por ser hoje, 20, data festiva, vamos todos entoar em coro à jovem NASCENTE a fraternal saudação natalícia «PARABÉNS A VOCE!». E demos as mãos cantemos em alegre rodopio as canções que a juventude do Grupo Coral entoar em louvor da nossa simpática Cooperativa.

**Haja alegria, haja folgança!
VIVA A NASCENTE!!!**

J. P. MORAIS

FIZERAM ESTE NÚMERO:

**NÓS TODOS QUE
SOMOS A NASCENTE**

DEUS QUER
O HOMEM SONHA
A OBRA NASCE
NA MENTE DE MUITA GENTE
MAS TORNOU-SE UMA CERTEZA
ESTA OBRA DA NASCENTE

(Anónimo)

TEATRO POPULAR DE ESPINHO

VONTADE DE COMUNICAR

Chegaram a ser uma simples dezenal Caras pintalgadas, cenários às costas, vontade de comunicar, de transmitir ideias, de criar uma festa constante, de alegrar e despertar quem os vê. Foram aumentando, ganhando forma, amadurecendo, sempre tentando levar a cada um, pedaços de vida, de quotidiano, de dia-a-dia. Colaborar numa transformação das consciências, das vidas, dos ambientes.

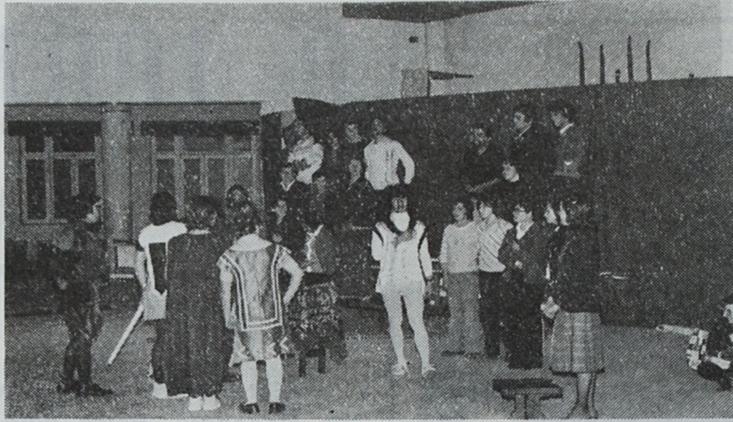
Por mais de uma vez tentaram cortar-lhes a voz, abafá-los, eliminá-los. Mas eles continuam na rua ou num tablado dum palco cantando a alegria de viver

Ensaiaando aqui e ali, uns em cima dos outros, em cubículos, em espaços exíguos, sem um palco próprio, sem uma sala própria, com poucas condições para trabalhar, mas não desistindo, não desanimando.

Duas peças em cena, uma delas infantil, uma outra pronta a estalar nesta festa que hoje vivemos, projectos, vontade de con-

tinuar a lutar por um Teatro acessível a todos, aberto a todos, um teatro que diga respeito a cada um de nós, à sociedade em que vivemos e que queremos transformar.

São cada vez em maior número, resistindo às dificuldades, caminhando em frente. São um grupo de teatro, um ramo desta «Nascente» cada vez mais viva.



CORO E TEATRO ENSAIAM UM TRABALHO CONJUNTO, NUMA NOVA EXPERIÊNCIA DE COOPERAÇÃO

Também para as crianças OS FANTOGCHES DE "O ESPANTALHO"

— UM POUCO DE HISTÓRIA

«O Espantalho» formou-se em Novembro de 76, ainda na Secção Cultural da Académica, com apenas três pessoas. Logo nos primeiros meses de vida o grupo realizou um grande número de espectáculos que o obrigaram a alargar-se progressivamente.

Com o saneamento da Secção Cultural da Académica «O Espantalho» integrou-se na «Nascente», iniciando uma nova fase de trabalho, em que as experiências de dinamização junto das crianças tiveram um papel preponderante.

Para termos uma ideia da actividade do grupo, basta dizer que, em cerca de um ano, se ultrapassou largamente os 60 espectáculos, distribuídos pelas mais diversas zonas à volta de Espinho.

— OBJECTIVOS E DIFICULDADES

Numa primeira fase pretendia-se exclusivamente dar a conhecer o teatro de fantoches e complementar o trabalho cultural no concelho com alguma coisa para as crianças. Com a entrada para a «Nascente» estes objectivos foram consideravelmente alargados pela própria reflexão que então se fez em torno de perspectivas futuras de trabalho. Foi nessa altura que se avançou com as experiências de dinamização e com a tentativa de formação de novos grupos, com alguns resultados.

Quanto às dificuldades, elas são inúmeras. Para além do velho problema da falta de instalações que afecta toda a «Nascente» e que impede, por exemplo, a realização de sessões para as escolas em que se demonstrasse o teatro de fantoches e em que se ensinasse, quer a confecção dos bonecos quer a encenação e interpretação de textos, outras questões surgiram, tendo sido umas ultrapassadas, prevalecendo outras.

O grupo nunca contou, por exemplo, com a ajuda de ninguém que tivesse um conhecimento profundo do teatro de fantoches. A sua evolução foi sempre o resultado da experiência de aprendizagem colectiva pela prática directa. Outro aspecto liga-se com a falta de textos, também superada pela criatividade do grupo.

QUEM OUVIR ESTA CANÇÃO, QUE NOS VENHA ACOMPANHAR!

A jornada da nossa vida também se leva com música. Porque a cantar também a gente se entende. E aprende a entender-se!

Não fiques p'ra trás, ó companheiro!

É de aço esta fúria que nos leva.

O Coro existe porque existe quem goste de cantar.

É gente que, quando «sente voos na garganta» (como diz o poeta), não se fecha em casa nem é alegre só para si.

É gente que gosta de fazer um grande grupo.

É gente que gosta de *fazer* a música, não só ouvi-la.

Vozes ao alto, vozes ao alto,

Unidos como os dedos da mão.

O Coro existe enquanto existir quem queira cantar na alegria e no trabalho de um colectivo. E as vozes serão tanto mais altas quanto mais vozes se juntarem às nossas.

Havemos de chegar ao fim da estrada

Ao sol desta canção -

E quem disse que só podem cantar no Coro as pessoas com menos de 20 anos?

(extracto da obra «Da Arte das Maravilhas»)

A NOSSA CASA

continuação da página 4

A Secção Fotográfica esta alojada numa ex-cozinha, transformada pelos seus activistas em funcional laboratório fotográfico.

O Centro Livreiro funciona numa pequena sala, já pequena para o seu movimento.

O Cineclubes tem que realizar as suas sessões na Piscina, com poucas condições ou no Teatro S. Pedro, este como alternativa, pois o aluguer é caro e nem sempre está disponível.

Actualmente as coisas não andam muito bem uma vez que alguns membros de «O Espantalho» viram-se obrigados, por motivos pessoais, a afastar-se do trabalho. Aqui fica portanto o apelo à participação de gente nova no teatro de fantoches da «Nascente».

Apesar de todos os malabarismos dos seus activistas, o trabalho das várias secções começa já a ser prejudicado pela falta de condições de alojamento.

A Nascente tem, e as suas realizações o justificam, necessidade de se alojar num edifício capaz.

Não será só da Nascente o problema, outras organizações há, que lutam com problemas logísticos. Espinho tem movimento cultural que justifica a existência de uma casa de cultura. Porque esperam as autoridades para dotar a região de uma estrutura de que carece de facto?

A nossa casa já é pequena para todos nós. Temos de conseguir uma maior!

FOTOGRAFIA

TRABALHO E PERSPECTIVAS

Embora inseridos no espírito da acção cultural da NASCENTE, talvez tenhamos muitas vezes passado despercebidos aos olhos do vulgar sócio ou de todos quantos dispõem de menos tempo para os assuntos da Cooperativa.

O nosso trabalho, no entanto, está aí, nas fotografias do Maré Viva, nas fotografias expostas na montra da passagem subterrânea, nos trabalhos para os sócios ou na exposição que hoje, dia do segundo aniversário, inauguramos neste salão.

Claro que, para nós, não é apenas este objectivo da secção. Como a fotografia que consegue dizer coisas que as palavras ou outros símbolos se mostram incapazes de transmitir, o nosso objectivo é mais amplo.

Explorando as potencialidades

da imagem que se fixa, guardando para sempre momentos não mais repetíveis, relacionando coisas aparentemente incompatíveis, sentimos de certa maneira um outro modo de ver o mundo — a possibilidade de o transformar.

Mas há mais. Conquistada a cozinha, adaptada para câmara escura, melhoraram as condições de trabalho. Já não há costas curvadas nem falta de ar no vão da escada onde começou a secção.

Há o interesse por novas técnicas e o saudável espírito de grupo que torna possível a resolução dos problemas mais difíceis.

Ultrapassado o papel de fotógrafos do «Maré Viva», já temos vida própria, já pulsamos.

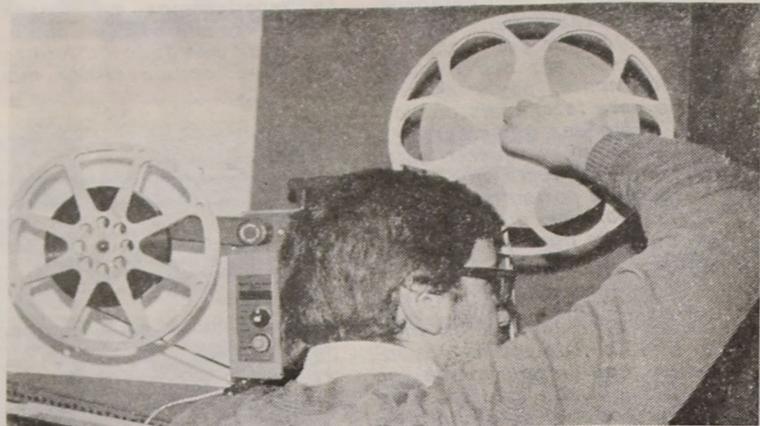
NASCENTE - UMA CERTEZA

CINECLUBE

O (RE)SUMO

Dia 21 de Maio de 1976. Salão da Piscina cheio. 500 pessoas apertadas nas cadeiras, encostadas às paredes, sentadas no soalho. Um projector emprestado pela Cooperativa ARVORE, um operador improvisado, alguma ansiedade e muitas esperanças. «DEUS, PÁTRIA, AUTORIDADE». Um filme polémico marcará para sempre o começo da actividade pública da Cooperativa de Acção Cultural NASCENTE. Sinal positivo, se atendermos aos dias que então corriam, dias de indefinição, de procura do rumo possível.

Inédito no Norte, muitos foram os cinéfilos das redondezas que se misturaram aos já sócios e aos que o viriam a ser de uma or-



ganização, também ela diferente do que até então se ficara a dever à vontade popular.

70 sessões passadas, regular é o caminho percorrido e variada a programa-

ção. O rectângulo onde tomavam forma as imagens dos filmes ia das telas verdadeiras até aos lençóis velhos e aos pedaços de papel-cenário.

Os locais também variavam. O Salão da Piscina, o S. Pedro, o Casino, escolas primárias, juntas de freguesia, salões paroquiais, ficarão igualmente registados com a nossa passagem.

Os tempos passaram, de facto. A novidade foi virando rotina. Os atractivos mudaram, a parte da quota destinada ao cinema passou a ser desprezada. Atentos a estas variações, preparamo-nos para o ajustamento necessário. A colaboração de outros elementos e a discussão colectiva das insuficiências e das carências do cineclubista impõem-se. Para isso, importante se torna que cada cineclubista veja nos mais de três quilómetros duma vulgar fita de 100 minutos mais do que uma sucessão de imagens em movimento.

O(BREI)REMOS

O(brei)remos.

Nós, que desde a primeira hora acompanhamos a NASCENTE e os que só agora a descobrimos.

Nós, que ultrapassamos os medos iniciais e os que hoje tudo julgamos fácil.

Nós, a quem é exigida regularidade, eficiência e precisão e os que, embora nada sabendo de máquinas, sabemos que o erro está ali.

Nós, que seleccionamos dentre o que o mercado dá e os que nos chateamos com tanta vulgaridade.

Nós, que incentivamos o diálogo e os que gramamos aqueles chatos no final ou a meio das fitas.

Nós, que entendemos o cinema como instrumento de cultura popular e os que, embora concordando, não temos nada com isso.

Mãos-à-obra. Para que o céu nos não caia em cima.

CENTRO LIVREIRO

— NECESSIDADE DE MAIS COLABORADORES

Numa fase de crescimento da Cooperativa nasceu o Centro Livreiro, a par de outras secções culturais que, por essa altura, vieram reforçar toda a actividade da Nacente.

Assim, o Centro Livreiro abriu as suas actividades em Agosto de 1977, por se ter constatado da sua necessidade dentro do conjunto de actividades que a Cooperativa então desenvolvia, concorrendo também para tal factores de carácter objectivo, tais como o aumento do preço dos livros, enquadrado numa situação conjuntural do aumento do custo de vida e, ainda por o mercado local do ramo não satisfazer por completo as exigências de muitos adeptos da leitura — verificando-se, portanto, que a sua criação seria um meio de fazer face a essas situações.

Não sendo as vendas de livros a preocupação única dos objectivos a que se propôs o

Centro Livreiro, não se descuidando contudo a importância das mesmas, por ser uma das bases da sua existência, têm-se tomado iniciativas em ordem a divulgar o livro e fazer despertar o interesse da leitura, dado o seu valioso contributo para o conhecimento e a cultura.

Nestes termos, a seguir se descreve o conjunto dessas iniciativas, que se procurará manter e, desenvolver:

1. Promoções mensais de livros, a partir do início do ano, oportunamente anunciadas no «Maré Viva»;
2. Duas sessões de autógrafos com breves alusões aos livros feitos pelos respectivos autores;
3. Apoio às actividades de associações culturais da região;
4. Diversas bancas de venda nas sessões do Cineclub e na quadra do Natal.

O Centro Livreiro tem já em «stock» um razoável número de livros, abrangendo um vasto leque de temas, e tem asseguradas as publicações de cerca de cinco dezenas de editoras. Não lhe sendo imputáveis em certos casos, algumas dificuldades têm impedido de abarcar todo o circuito de distribuição do livro, mas crê-se que serão ultrapassadas com a dinamização que se deseja para o Centro Livreiro.

Apelamos, por último, aos sócios e amigos da Nacente no sentido de prestarem a sua colaboração ao Centro Livreiro, quer visitando-o e dando as suas sugestões, quer participando directamente nas suas actividades, a fim de se alcançar mais eficazmente as suas metas com vista a melhor servir a Cooperativa, em prol da cultura.

CENTRO DE ESTUDOS

— o ensino com quem precisa

Falar do Centro de Estudos da Cooperativa Nacente, através de 300 palavras em forma de artigo de jornal é, de qualquer forma, correr um risco. Porque só queremos esboçar uma parte muito pequena do mundo dos problemas quotidianos que o afectam e das actividades internas que o nutrem.

No Centro de Estudos o dia-a-dia programático de um estudante-trabalhador assume aspectos muito particulares, diferentes do tipo de ensino ministrado quer em estabelecimentos oficiais, quer em estabelecimentos particulares, de tipo lucrativo.

A formação ideológica, a atitude crítica, a análise social do meio português, das suas tradições, das suas lacunas, das suas conquistas lentas — eis alguns aspectos importantes que, adicionados aos «itens» normais de cursos mais ou menos rígidos, justificam a existência, dentro da Cooperativa, do seu Centro de Estudos.

O tão controverso aspecto da «qualidade de ensino» é aqui desempenhado por uma prática constante de valorização cultural do estudante-trabalhador.

Estudante-trabalhador heróico, sujeito à desumanidade de decretos e de circulares que o não contemplam (ou o contemplam negativamente), disposto a definir o seu lugar na sociedade, a ter uma posição participativa e coerente, de classe, após anos seguidos de incúria governativa.

No caminho de dois anos do Centro de Estudos, a inconsistência das instalações foi a

preocupação maior. Inicialmente utilizando a Escola Sá Couto, vê-se neste momento o Centro de Estudo a utilizar as instalações de um Sindicato, uma casa de trabalhadores, solidários com os trabalhadores-estudantes. Mas o Centro de Estudos exige mais. Uma instalação própria, minimamente funcionais e com espaço vital mínimo para uma perfeita organização de cursos, para uma biblioteca, para um melhor ajustamento de horários — esta a primeira e primordial tarefa a que todos nós temos de meter ombros.

Depois, a necessidade da colaboração dos professores apoiando o Centro de Estudos sem remuneração, recorrendo aos seus já reduzidos tempos livres, em atitude cooperativista e militante.

Tudo isto sem que as entidades responsáveis, locais ou gerais, alertadas até à exaustão, consigam compreender o alcance dos objectivos propostos e assumir uma correcta posição frente às actividades demonstradas.

O Centro de Estudos continuará a ser a aposta da primeira hora. E o contraponto para os que não acreditam que é possível a valorização da camada trabalhadora deste país de Abril que tantos pretendem riscar do calendário. Continuará a ser uma esperança, um dar-as-mãos àqueles que ainda acreditam. E uma luta permanente contra as cadeias do pensamento e da acção.

Apesar de todos os entraves.



ASSIM SE TRABALHA NO «CENTRO DE ESTUDOS» DA NASCENTE

Parabéns à Nacente

Parabéns à «Nacente»
— Obra tão bem-fadada,
Que alcançou firmemente,
Uma meta sonhada!

Parabéns — toda-a-gente,
Que a alegria é total,
Festejando a «Nacente»
No seu dia de natal!

São dois anos de vida
Em progresso crescente...
— A estrela merecida
No Porvir da «Nacente»

Parabéns a Você
E mais «aquele abraço»...
Com taças, já se vê,
Com foguetes no espaço!

BEKA

A NOSSA CASA

A Nascente movimenta hoje mais de cem activistas, distribuídos pelas várias secções. No entanto, toda esta gente tem como local de trabalho um modesto edifício, na rua 62, que compartilha com mais duas organizações. Com o andar do tempo e como seria de esperar muitas das secções tiveram de procurar trabalho onde pudessem movimentar à vontade.

Assim, o Teatro, o Centro de Estudos e o Coro (este desde sempre) abandonaram a casa-mãe.

Mas o problema de ins-

tações não se limita àquelas secções.

A redacção do «Maré Viva» é já manifestamente insuficiente para o movimento que tem, além de ser pouco motivadora para o trabalho.

O Centro de Estudos, alojado na rua 8, na antiga misericórdia, funciona graças à boa-vontade do Sindicato das Madeiras.

O Coro ensaia na Academia, graças à boa-vontade da sua direcção e o Teatro na Piscina (embora haja quem não goste...).

continua na página 2

A Mensagem da Direcção

TRABALHO E CONFIANÇA

— A nossa Cooperativa completa dois anos de actividade e neste jornal que os assinala justificam-se algumas palavras da Direcção.

— Foram dois anos de muitos sacrifícios para todos, mas também de grande satisfação pelo trabalho realizado que já impôs a Nascente como foco de cultura.

— Cabe aqui uma palavra de muito apreço a todos os que activamente têm colaborado nesta obra, que já não pode ser menosprezada.

— Mas a Nascente não pode parar aqui, tem muito que crescer para melhor servir as populações no âmbito da cultura e, para isso, necessário se torna que as actuais dificuldades sejam vencidas.

— É no sentido de ultrapassar as dificuldades que trabalharemos com confiança no futuro e com o apoio de todos os associados de quem esperamos colaboração activa.

— Para que a Cooperativa seja o que todos desejamos, temos de contar com mais associados e assinantes. Precisamos de mais colaboradores no Coro, no Teatro, nas Actividades Infantis, no Centro Livreiro, no Cineclube, no Maré Viva, enfim em todas as actividades em funcionamento e para iniciar outras.

— Necessitamos de instalações. Esta uma das

maiores dificuldades a vencer. Sem instalações adequadas não se pode incrementar o Centro de Estudos para estudantes-trabalhadores é muito difícil fazer ensaio, é quase impossível tomar iniciativas para a realização de espectáculos, não é possível a existência de biblioteca, etc.

— Temos vencido algumas más vontades e aproveitado da melhor maneira todas as boas vontades, que felizmente existem e que neste momento nos é grato reconhecer, mas muito tem ficado por realizar por falta das condições que uma cidade como Espinho merece, pode e deve ter para servir culturalmente as suas populações.

ALGUNS NÚMEROS ACTUAIS

1978	
Sócios	184
Candidatos a Sócios	846
Assinantes	275
Total	1.305
Receitas cobradas	281.048\$10
Despesas liquidadas	246.931\$80
Contas a pagar	69.887\$30
Saldo (Banco + Caixa)	34.116\$30
Publicidade (média mensal)	7.036\$00
PRECISAMOS :	
Atingir o mínimo de 1.500 associados	
Atingir o mínimo de 500 assinantes	
Publicidade média mensal de 10.000\$00	

ESCREVER CERTEZA E ALEGRIA

Escrever sobre o «Maré Viva» é mais difícil do que escrever para ele. Mas não é em vão que se cumprem dois anos de actividade constante, semanal, sem paragem. Tantas coisas haveria a dizer que acaba por ser mais forte o desejo de não falar e, simplesmente, pegar ao trabalho para fazer mais um jornal, desta vez um «Maré Viva» especial, a querer estar presente na festa que é da Nascente e portanto dele, que a viu aparecer, que foi razão primeira da data que hoje nos atrai.

Poderíamos contar das muitas dificuldades, do muito trabalho, de todas as vontades que regularmente se juntam e unem esforços para tornar possível esta experiência e esta realidade que em muitos aspectos serão, por certo, únicas na imprensa portuguesa.

Caberia, talvez, aqui fazer o balanço extenso de mais um ano que passou, assumir os erros e reivindicar as virtudes, interrogar os leitores e interrogarmo-nos a nós sobre aquilo que somos e o devemos ser, sobre o cumprimento, ou não, da promessa que a simples existência de um jornal como este representa: se o «Maré Viva» sobreviveu à imagem de jornal comprometido com os homens e o seu tempo que pretendeu conquistar, se aquilo que semanalmente faze-

mos é ainda um pequeno rodízio da grande roda que há-de trazer-nos o futuro.

E ninguém levaria a mal se repetíssemos os nossos apelos regulares de apoio, que pode ser dado de muitas maneiras, com a crítica que

se gritássemos aqui a nossa alegria por tudo o que somos e o mais a que aspiramos? Se, simplesmente, nos dessemos o abraço público, celebrássemos esta certeza maior que todas as dúvidas, escrevêssemos as palavras



A COOPERATIVA GRÁFICA IMPRIME O «MARÉ VIVA» E É JÁ UM POUCO DA NOSSA CASA, ONDE GANHAMOS AMIGOS

nos orienta para conseguirmos melhor, através do alerta para a denúncia de situações do tempo e lugar em que vivemos, simplesmente transmitindo o nome do novo assinante angariado, do sócio que vai engrossar o caudal da Nascente.

... E quem se espantaria

tímidas e húmidas do quem se descobre de repente na força enorme do futuro que avança?

Em vez disso, melhor que isso, fica este «Maré Viva» especial, esta presença na celebração colectiva, este testemunho e compromisso permanente.

“MARÉ VIVA”: UM PARTO DIFÍCIL

Foram quatro meses de gestação, desde que, em Janeiro de 1976, o grupo de arranque do «Maré Viva» foi «convitado» a deixar a «Defesa de Espinho», até Maio do mesmo ano, com a publicação do número zero. Atravessámos as portas da D. E. pela última vez e não tivemos melhor ideia do que sentarmo-nos à mesa de um café ali perto. Aí mesmo, entre uma bica e um outro desabafo dos menos habituados a saneamentos, começámos a arquitectar novos planos. E, laracha dali, laracha dacolá, foi na altura de pagarmos a despesa que olhámos para o fundo dos bolsos e descobrimos a primeira dificuldade em fazermos o nosso próprio jornal: aquilo com que se compram os melões.

Fomos para casa um pouco desapontados com a descoberta, mas decididos: «Isto não vai

ficar assim». E reunimos no dia seguinte, já com ordem de trabalhos e com um ponto único: como sustentar um jornal. Discutiu-se, apresentaram-se ideias e chegou-se mesmo a votar uma proposta de se jogar no totobola com 192 apostas múltiplas, que veio a ser recusada por demagógica e aleatória.

Continuou-se a discutir, surgiram outras propostas ainda mais demagógicas e aleatórias, até que ao fim de hora e meia, alguém, que por acaso até nem estava inscrito para falar, sugeriu timidamente: «E se a gente fizesse uma cooperativa?»

Armou-se logo ali um trinta e um dos diabos, com alguns a protestarem contra aquela intervenção fora de tempo e dez dedos no ar a reclamarem que a ideia não era original, pois «até já tinham pensado nisso».

Ainda agora não está esclarecido quem foi o legítimo «pai da criança», mas o certo é que acabou por sair dali a primeira grande decisão, depois de aberta uma garrafa de Porto de 57\$50: «Vamos formar um cooperativa». E cultural, porque de agricultura ninguém percebia pata-vina, já faltava o bacalhau para consumo e, falando sério, impunha-se a formação de uma organização que promovesse a cultura na região.

Como éramos todos muito bem relacionados, não tivemos dificuldades em chamar mais gente para arrancar com a cooperativa. As reuniões começaram a ter mais gente, as pessoas começaram a levar aquilo a sério, e foi-se avançando. E em fins de Fevereiro até já havia nome para o empreendimento. Curioso o facto de o nome Nascente ter sido eliminado numa selecção inicial e depois repescado porque os escolhidos... enfim... No meio de tudo, o jornal

foi durante muito tempo um por menor, porque nunca se pensou que fosse coisa que atrapalhasse jornalistas com tanta experiência... Até que, mais por descargo de consciência, do que por modéstia, decidimo-nos fazer as nossas próprias reuniões para falarmos do então chamado «Sol Nascente» (brrr...) antes de ser o «Maré Viva».

Acabou por ser a parte mais difícil e dolorosa. É que só nessa altura é que descobrimos que as ideias quanto ao jornal não estavam tão assentes como isso. As reuniões multiplicavam-se, mudavam-se os locais da casa de uns para outros, mas os resultados não eram brilhantes.

A coisa variava. Ou discurso requintado, muito «concreto» e «objectivo» do tipo «... seria viável elaborar o jornal através de um projecto auto-corrector, articulado por considerações empíricas» (1). Ou o desespero que dava intervenções como esta: «Continuamos sem saber que jornal fazer, porque não sabemos para que é que fazemos o jornal». (2)

E ainda a esta hora estaríamos de volta do «projecto auto-corrector» e à procura da razão por que queríamos fazer o jornal, se o resto da malta da já então formada Nascente, não nos encostasse à parede e obrigasse a fazer o número zero e a começar a aprender à nossa custa.

Depois veio o n.º 1, o 2, 3, 4... O resto já vocês sabem, mais ou menos.

(1) Ponto 2. da Memória Descritiva e Justificativa do Projecto para a Elaboração do Jornal.

(2) Intervenção numa reunião de 3 de Março de 1976.